

Luiz Inácio Lula da Silva
Celso Amorim
Marcos Galvão
Paulo Gustavo de Sant'Ana

Turma
SÉRGIO VIEIRA DE MELLO
Instituto Rio Branco 2003

COLEÇÃO RIO BRANCO

Instituto Rio Branco
Fundação Alexandre de Gusmão
Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

Com esta publicação o Instituto Rio Branco (IRBr) inaugura a "Coleção Rio Branco", que recolherá, sob a forma de livros, contribuições de distintos autores sobre as visões brasileiras de política internacional, bem como conferências ou seminários realizados no Instituto e resultados de pesquisas de seus professores e alunos.

A "Coleção Rio Branco", publicada com a colaboração da Fundação Alexandre de Gusmão e o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, tem duas séries:

1) Série "Pesquisas e Ensaios": livros originados no âmbito docente e discente do IRBr, e reedições de títulos esgotados do fundo editorial do IRBr;

2) Série "Visões Brasileiras de Relações Internacionais", em parceria com o Senado Federal: livros, organizados e prefaciados por especialistas, sobre destacados nomes, períodos e escolas da política externa nacional.

O presente volume, dedicado à formatura da Turma Sérgio Vieira de Mello, traz os discursos proferidos, na cerimônia, pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, pelo Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, pelo Paraninfo da Turma, Ministro Marcos Galvão, e pelo orador, Secretário, Paulo Gustavo de Sant'Ana.

TURMA
SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

INSTITUTO RIO BRANCO 2003

COLEÇÃO RIO BRANCO

Instituto Rio Branco
Fundação Alexandre de Gusmão
Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais

Brasília, 2003

INSTITUTO RIO BRANCO

Diretor

Embaixador João Almino

Coordenador de Extensão e Publicações

Ministro Carlos Henrique Cardim

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente

Embaixadora Thereza Machado Quintella

INSTITUTO DE PESQUISA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Diretora

Embaixadora Heloísa Vilhena de Araújo

INSTITUTO RIO BRANCO

Endereço: SAFS Quadra 05 Lotes 2/3 Brasília-DF - CEP 70170-900

Tel.: (61) 325-7007 - Fax: (61) 322-8355

E-mail: irbr@mre.gov.br

Site: www.mre.gov.br/irbr/irbr.htm

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Luiz Inácio Lula da

Turma Sérgio Vieira de Mello: Instituto Rio Branco 2003 /
Luiz Inácio Lula da Silva...et al. - ; Apresentação : João Almiro
de Souza. Brasília : Instituto Rio Branco, 2003.

50p. (Coleção Rio Branco)

Discursos de Luiz Inácio Lula da Silva, Celso Amorim, Marcos
Galvão, Paulo Gustavo de Sant'Ana.

1. Diplomacia – Discursos, ensaios, conferências. I. Silva,
Luiz Inácio Lula da. II. Amorim, Celso. III. Galvão, Marcos. IV.
Sant'Ana, Gustavo. V. Instituto Rio Branco. VI. Série

CDU: 327 (81) (042)

ISBN 85-9810601-1

Coleção Rio Branco

A *Coleção Rio Branco*, publicada pelo Instituto Rio Branco (IRBr), em colaboração com a Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG), e com o Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais (IPRI), possui duas séries:

I) “Série Pesquisas e Ensaios”, que difundirá trabalhos elaborados ou utilizados nas atividades de ensino do IRBr, bem como os anais de seminários realizados no Instituto.

Próximos Lançamentos:

1) “A Nova Dimensão do Direito Internacional Público”

Antônio Augusto Cançado Trindade (organizador)

2) “A Viagem de Levi Strauss aos Trópicos”

Silviano Santiago

3) “Sérgio Buarque de Holanda”

Angélica Madeira (organizadora)

4) “Conceitos e Paradigmas da Política Externa Brasileira”

Amado Cervo

5) “Novos Rumos da Economia do Desenvolvimento”

João Paulo de Almeida Magalhães

6) “Guimarães Rosa, Intéprete da Tradição”

Heloísa Vilhena de Araújo

7) “Globalização e Unilateralismo: as Duas Faces da Heteronomia”

Sérgio Paulo Rouanet

8) “República e Democracia”

Renato Janine Ribeiro

9) “A Ontologia da Política Democrática”

Wanderley Guilherme dos Santos

10) “Democratização no Brasil de 1979 a 1981/ Cultura Versus Arte”

Silviano Santiago

11) “Maquiavel Diplomata”

Carlos Henrique Cardim

II) “Série Visões Brasileiras de Relações Internacionais”, conjunto de livros com textos originais de destacados nomes, períodos e escolas da política externa nacional, organizados e prefaciados por especialistas. Co-edição do Instituto Rio Branco com o Senado Federal

Série: “Visões Brasileiras de Relações Internacionais”

Co-edição Instituto Rio Branco e Senado Federal

- 1) Visconde de Uruguai – Organização e Prefácio: Amado Cervo
- 2) Visconde do Rio Branco – Organização e Prefácio: Francisco Monteoliva Doratioto
- 3) Joaquim Nabuco – Organização e Prefácio: Tarcísio Costa
- 4) Rio Branco – Organização e Prefácio: Rubens Ricupero
- 5) Rui Barbosa – Organização e Prefácio: Carlos Henrique Cardim
- 6) Manuel Bonfim – Organização e Prefácio: Samuel Pinheiro Guimarães
- 7) Alberto Torres – Organização e Prefácio: Lilian C. B. Duarte
- 8) Raul Fernandes – Organização e Prefácio: Antonio Augusto Cançado Trindade
- 9) Rubens Ferreira de Melo – “Dicionário de Direito Internacional Público” – Prefácio: Márcio Garcia
- 10) Gilberto Amado – Organização e Prefácio: José Sarney
- 11) A Política Externa Independente – Organização e Prefácio: Luiz Alberto Moniz Bandeira
- 12) San Tiago Dantas – Organização e Prefácio: Renato Lessa
- 13) Araujo Castro – Organização e Prefácio: Maria Regina Soares de Lima
- 14) Azeredo da Silveira – Organização e Prefácio: Mônica Hirst
- 15) José Honório Rodrigues – Organização e Prefácio: Carlos Eduardo Pachá
- 16) Paulo Nogueira Batista – Organização e Prefácio: Celso Amorim
- 17) A Teoria da Dependência – Organização e Prefácio: Luís Fernandes

DEP – Diplomacia, Estratégia e Política

Revista do Instituto Rio Branco

O Instituto Rio Branco (IRBr) lançará, no âmbito de seu programa de publicações, em março de 2004, o primeiro número da revista “Diplomacia, Estratégia e Política”.

Instituição de recrutamento, formação e aperfeiçoamento profissional, o IRBr, criado em 1945, foi a primeira entidade especializada no estudo sistemático do tema das relações internacionais no Brasil, mantendo, a partir de 2002, um curso de pós-graduação em Diplomacia, a nível de Mestrado.

O IRBr, ao iniciar a publicação de sua revista, considerando sua trajetória, tenciona contribuir para o estudo e a pesquisa de nível universitário da política internacional, estabelecendo mais um espaço de análise, debate e documentação sobre um assunto, que tem ganhado relevância crescente na agenda da sociedade brasileira, e em relação ao qual o país ainda apresenta um déficit bibliográfico e de reflexão.

DEP – Diplomacia, Estratégia e Política - terá periodicidade trimestral, e estará voltada, basicamente, para professores e estudantes de relações internacionais, e demais profissionais interessados no campo. Em cada número, **DEP** tratará de um tema central, que será objeto de aprofundado dossiê, com textos e documentos fundamentais para seu entendimento. O tema central do número inicial da revista será “América do Sul”. Trará, igualmente, entrevistas e artigos de acadêmicos nacionais e estrangeiros, e trabalhos produzidos pelos docentes, e diplomatas inscritos nos cursos do IRBr. Completam a pauta editorial de **DEP** uma seção de resenhas de livros e de artigos de revistas, e um informativo sobre teses, apresentadas nos diferentes programas de pós-graduação do país.

DEP – Diplomacia, Estratégia e Política

e-mail: irbr@mre.gov.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO EMBAIXADOR JOÃO ALMINO	9
PRESIDENTE LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA	11
MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES	
EMBAIXADOR CELSO AMORIM	19
MINISTRO MARCOS GALVÃO PARANINFO DA	
TURMA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO	33
SECRETÁRIO PAULO GUSTAVO DE SANT'ANA	
ORADOR DA TURMA SÉRGIO VIEIRA DE MELLO	43

APRESENTAÇÃO

Esta publicação reveste-se de importância especial, por reunir as palestras realizadas por ocasião da formatura da primeira turma do Instituto Rio Branco durante o Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em solenidade realizada no Palácio Itamaraty no dia 18 de setembro de 2003. As alocações do Presidente da República e do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim, traçam ou reiteram as principais diretrizes para a diplomacia brasileira no novo Governo. A do Ministro Marcos Galvão, paraninfo da turma, reflete sobre as transformações políticas do Brasil e os desafios atuais para o exercício da carreira diplomática, e a do Secretário Paulo Gustavo de Sant'Ana, orador da turma, o espírito com que os jovens diplomatas abraçam a carreira. Nestes pronunciamentos, está presente também a justa homenagem ao patrono da turma, Sérgio Vieira de Mello, símbolo de coragem e de dedicação à causa da paz.

Com esta publicação, o Instituto Rio Branco inaugura a *Coleção Rio Branco*, que recolherá, sob a forma de livros, contribuições de distintos autores sobre as visões brasileiras de política internacional, bem como conferências ou seminários realizados no Instituto e resultados de pesquisa de seus professores e alunos.

João Almino
Diretor

PRESIDENTE
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Ministro das Relações Exteriores,
Embaixador Celso Amorim

Senhores diplomatas

Jovens formandos

É com grande alegria que venho à Casa de Rio Branco. Desta vez, não para receber mandatários estrangeiros, mas para dirigir-me a uma categoria de servidores públicos que se sobressai por seu profissionalismo e por sua dedicação ao Brasil.

Sinto-me feliz em poder estar entre esses jovens que hoje se formam. Quero transmitir-lhes minhas felicitações e, sobretudo, uma mensagem de estímulo.

Vocês ingressam na carreira diplomática em um momento de mudanças, em que o Brasil se afirma com crescente desenvoltura e confiança perante o mundo. Vivemos em uma sociedade que encara seus problemas com coragem

e valoriza a democracia e a liberdade de expressão. Ao jovem diplomata não faltam razões para se sentir motivado e acreditar em um futuro melhor para o Brasil e para a região sul-americana.

Ao mesmo tempo, é preciso que lutemos por um sistema internacional mais justo. É preciso que cobremos mais sensibilidade para a situação dos carentes, processos decisórios mais democráticos, regimes comerciais mais eqüitativos, maior respeito pelo Direito Internacional. Ao fazê-lo, estaremos defendendo nossos próprios interesses e um mundo mais propício à paz e ao desenvolvimento.

Desde meus primeiros dias de governo preocupei-me em sinalizar nossa abertura ao diálogo com interlocutores de todos os quadrantes. Foi essa a minha intenção ao levar ao Fórum Econômico de Davos as preocupações do Fórum Social de Porto Alegre. Será esse o espírito que permanecerá, que permeará o discurso em que abrirei o debate geral da Assembléia Geral das Nações Unidas. É esta a marca do meu governo e a vocação do Brasil.

Cabe ao Itamaraty, na execução da política externa brasileira, representar e defender os interesses de um país que busca os mesmos objetivos, nos planos nacional e internacional: o fortalecimento das formas democráticas de concertação política, o crescimento econômico com justiça social e a melhoria das condições de vida dos menos favorecidos. Internamente, é este o caminho para o desenvolvimento sustentável. Nas relações internacionais é esta a via que conduz à paz duradoura.

Caberá a vocês, sob a orientação do Ministro das Relações Exteriores, trabalhar pela integração da América do

Sul e estreitar laços de cooperação com a África e com o Oriente Médio, com interlocutores do mundo desenvolvido e em desenvolvimento que compartilham nossos valores e objetivos.

A postura firme e objetiva que mantivemos na recém-finda reunião da OMC em Cancún demonstra que o Brasil dispõe de uma capacidade de articulação talvez única, que nos permite lutar por nossos interesses, somando forças com clareza e objetivos, e sem confrontações.

Alegra-me constatar que o Ministério das Relações Exteriores e os diplomatas brasileiros interagem, cada vez mais, com outras instâncias governamentais e com a sociedade civil. Vejo, com satisfação, que o ministro Celso Amorim e outros diplomatas comparecem sistematicamente ao Congresso, para contatos regulares sobre questões que despertem especial interesse, como a integração da América do Sul, a ALCA, o Iraque. Multiplicam-se os fóruns de debate sobre a diplomacia e política externa. Hoje, os brasileiros e brasileiras se dão conta de que a maioria dos temas da agenda internacional repercutem diretamente sobre suas vidas. Vemos, ao mesmo tempo, que há um grande interesse, em outros países, pelo momento de transformações pelo qual passamos. Isso só aumenta a responsabilidade dos diplomatas e do Itamaraty, como intermediários privilegiados entre o Brasil e o resto do mundo.

Parabenizo, enfim, os jovens formandos, pela escolha de Sérgio Vieira de Mello como o seu patrono. Ainda sobre o impacto do ato brutal que lhe retirou a vida, é difícil não nos emocionarmos com a lembrança de um nome que soube aliar de forma tão brilhante a força da razão e o engajamento a

favor dos mais vulneráveis. Impossível não nos sensibilizarmos ante a obra de tão destacado funcionário da ONU, que associou o nome do Brasil a luta pela paz e às mais nobres formas de cooperação entre as nações.

Que a memória de Sérgio Vieira de Mello preserve na turma que se forma hoje os ideais que inspiraram o seu trabalho político e humanitário, sua paixão, sua tenacidade, sua alma a um só tempo universal e profundamente brasileira.

Eu quero terminar dizendo, se posso assim chamar, às meninas e aos meninos que se formaram, que o mundo que espera vocês é um mundo, eu diria, de mais paz, mas, ao mesmo tempo, mais conturbado do ponto de vista da exigência com que vocês serão cobrados daqui para a frente.

O Brasil é um país por demais importante e muitas vezes não fomos mais importantes porque, muitas vezes, não nos demos importância. O governo tem a decisão política de fazer com que o País utilize todo o seu potencial de ousadia, todo o seu potencial de política externa, para inserir o Brasil no mundo como um país grande, um país que gosta de respeitar e, ao mesmo tempo, um país que quer ser respeitado. Não aceitamos mais participarmos de política internacional como se fôssemos os coitadinhos da América Latina, um ‘paisinho’ do terceiro mundo, um ‘paisinho’ que tem criança de rua, um ‘paisinho’ que só sabe jogar futebol e só sabe pular carnaval. Este país tem criança de rua, tem carnaval, tem futebol. Este país tem muito mais do que isto. Este país tem grandeza, tem intelectuais, tem cientistas, tem trabalhadores, tem governantes, tem políticos, tem diplomatas, este país tem tudo para se igualar a qualquer país do mundo. E disto nós não abrimos mão.

Eu tenho dito em todos os lugares: não existe na face da Terra nenhum interlocutor que respeite um outro interlocutor se um deles estiver de cabeça baixa, se um deles agir de forma subalterna. Nós respeitamos todo mundo, nós respeitamos desde um país pequeno, como um Paraguai, a um país grande como os Estados Unidos. Queremos tratar os dois em igualdade de condições e queremos ser tratados pelos dois em igualdade de condições. Por isso eu disse que vocês vão ser muito mais exigidos porque, daqui para a frente, vocês vão perceber que 24 horas por dia é muito pouco para um diplomata que se formou no Rio Branco. É muito pouco para quem quer, dignamente, representar os interesses do Brasil.

E, hoje, mais do que nunca – sem demérito a nenhuma pessoa – hoje, mais do que nunca, o Brasil cresceu no conceito mundial. O Brasil tem uma respeitabilidade muito maior. E eu acho que, a partir do que aconteceu em Cancún, vocês vão perceber que vocês serão olhados com muito mais interesse mas, ao mesmo tempo, com muito mais cobrança, pelos nossos interlocutores de outros países, do que nós fomos até agora.

Nós mandamos para Cancún uma seleção, liderada pelo companheiro Celso Amorim, que tinha o Roberto Rodrigues, que tinha o Furlan, que tinha o Ministro do Desenvolvimento Agrário, que tinha a Ministra do Meio Ambiente representada pelo companheiro do Ministério, que tinha 12 Deputados. Ou seja, porque nós não fazemos política para nós, individualmente. Fazemos política para este país. Portanto, as pessoas têm que participar, para assumirem o compromisso.

Eu queria que vocês, meninos e meninas que se formaram hoje, que quando vocês tiverem alguma dúvida, na

carreira diplomática de vocês, vocês lembrem do homem que era Ministro das Relações Exteriores quando vocês se formaram.

Eu quero fazer um brinde aos formandos mas, sobretudo, quero fazer um brinde à competência que o Celso Amorim tem demonstrado, à frente do Ministério.

MINISTRO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
EMBAIXADOR CELSO AMORIM

Embaixador João Almino
Diretor do Instituto Rio Branco

Ministro Marcos Galvão
Paraninfo da Turma Sérgio Vieira de Mello

Secretário
Paulo Gustavo de Sant'Ana, Orador da Turma

Senhores diplomatas

Jovens formandos

Quero, antes de mais nada, registrar o orgulho dos funcionários desta Casa, e meu próprio, em trabalharmos sob o comando de um Presidente que, em poucos meses de Governo, soube imprimir um dinamismo sem precedentes à política externa brasileira.

O respeito que desperta o Governo do Presidente Lula no cenário internacional é um fato que dispensa elaboração e decorre, sobretudo, das atitudes firmes assumidas no plano interno: no combate à fome e à pobreza, na administração responsável da República, no aperfeiçoamento de nosso convívio democrático.

Mas para nós, no Itamaraty, é fundamental traduzir este capital de credibilidade em capacidade de iniciativa e liderança no plano das relações bilaterais, regionais, multilaterais.

Na realidade o mundo padece, hoje, de um déficit de lideranças que expressem, com clareza e sinceridade de propósitos, a necessidade de uma ordem global mais justa e solidária.

São grandes as expectativas internacionais em relação ao nosso Presidente. Sua lucidez e sua vocação democrática, o tornam presença obrigatória nos debates sobre os mais prementes problemas mundiais. Para o Itamaraty e seus funcionários, isto significa que não há lugar para ceticismo quanto à nossa capacidade de defendermos nossos interesses e de influirmos na promoção do desenvolvimento e da paz.

Senhores e Senhoras,

Jovens Formandos,

O homenageado pela turma, que se forma hoje, permanecerá uma fonte de inspiração para todos os que, como nós, acreditam na diplomacia e na paz: Sérgio Vieira de Mello, de quem me orgulho de ter sido amigo pessoal, é exemplo de dedicação aos desvalidos, sensibilidade política, coragem, capacidade de análise e de comunicação. Foram mais de 30 anos de serviço às Nações Unidas, em missões de grande complexidade e alto risco. Seu trágico desaparecimento ocorre em um contexto preocupante de crise do multilateralismo. Mas seus esforços não terão sido em vão, se todos aqueles que compartilham sua visão de um mundo mais solidário perseverarem na defesa dos ideais de paz e de cooperação, que o inspiraram.

A direção que o Presidente Lula tem imprimido à atuação externa do Brasil define-se pela defesa de nossos interesses como nação, ao mesmo tempo que reafirma nossa vocação humanista, e nosso propósito universalista.

Buscamos ampliar nossa presença em todas as frentes de atuação externa, a partir da ênfase na integração da América do Sul. Neste espírito, aperfeiçoamos nosso relacionamento com parceiros tradicionais também do mundo desenvolvido, e construímos novas e promissoras parcerias com o mundo em desenvolvimento.

Precisamos de instituições multilaterais revigoradas. O Brasil tem muito a contribuir para assegurar que o processo internacional de tomada de decisões seja mais aberto, transparente e democrático – em uma palavra, legítimo.

A preservação e fortalecimento dos sistemas multilaterais de comércio, de segurança coletiva, de cooperação em todos os campos, constitui um dos grandes desafios do momento presente.

O comércio internacional é, sem dúvida uma via potencial para o desenvolvimento e para a melhor distribuição de riqueza. Mas para que isto ocorra efetivamente é necessário trabalharmos por condições equitativas de troca. Não podemos aceitar regras feitas sob medida para os países ricos, ou que consagram subsídios escandalosos e outras barreiras injustificáveis aos nossos produtos. É por isso que o Brasil se envolve com tanta determinação na melhoria das disciplinas que regem o comércio, na abertura de mercados e na preservação de um espaço de autonomia para a adoção de políticas industriais, científicas, sociais e ambientais.

Acabo de regressar da V Conferência Ministerial da OMC, onde defendemos a eliminação dos absurdos subsídios dos países ricos, que chegam a quase US\$ 1 bilhão por dia, na área agrícola. Independentemente das análises que venham a ser feitas sobre a reunião de Cancun, pode-se afirmar, desde já, que ela marca um ponto de inflexão na dinâmica interna da Organização – onde, tradicionalmente, o que era decidido pelas grandes potências comerciais era visto como o consenso inevitável. Graças a um esforço conjunto de 22 países em desenvolvimento, coordenados pelo Brasil, do qual participaram países grandes e pequenos de três continentes, as postulações da maior parte da humanidade não puderam ser ignoradas.

Apesar da ausência de resultados imediatos, vejo a reunião de Cancun menos com um fim do que como o começo de uma nova etapa na vida da OMC, em que as negociações se processarão de maneira mais equilibrada e menos unilateral.

Na ALCA, e após ampla consulta interna, fui instruído pelo Presidente Lula a explorar os contornos de uma “ALCA possível”, capaz de conciliar nossas prioridades com os interesses dos diferentes participantes; uma ALCA que não sofra dos mesmos problemas que impediram Cancun de chegar a uma conclusão exitosa.

Com a União Européia, o MERCOSUL está empenhado em levar a bom termo a negociação de um acordo de liberalização comercial, que contribuirá para mantermos uma saudável “multipolaridade” em nosso intercâmbio com o mundo desenvolvido.

Meus queridos formandos,

Em alguns meses, o Brasil retorna ao CSNU, na condição de membro não permanente. Será esta a nona vez que participaremos das atividades do órgão incumbido de preservar a paz e segurança internacional.

O momento é crítico e nos impõe responsabilidades políticas e morais. No Iraque, episódios cotidianos de violência indiscriminada e tensões crescentes entre as diferentes comunidades, demonstram que o processo de reconstrução institucional e física só avançará sobre novas bases, com as Nações Unidas exercendo um papel central. No Oriente Médio vemos, a cada dia, dificuldades crescentes para o restabelecimento do diálogo para a promoção da paz.

O papel do Conselho de Segurança na autorização da força é condição essencial para que intervenções militares – sempre um recurso extremo - sejam legítimas.

Sabemos, há vários anos, que a estrutura e os métodos de trabalho do Conselho, bem como seus instrumentos de ação, já não satisfazem a comunidade internacional. Como mencionado por Paulo Gustavo, orador da turma, cabe promover as reformas necessárias, com um sentido de urgência. Defendemos a ampliação do Conselho de Segurança nas categorias de membro permanente e não permanente. Nesse contexto, o Brasil tem recebido manifestações de apoio que muito nos honram. Mas, obviamente, as reformas não se esgotam aí. A questão de como lidar com o veto segue sendo um desafio. As relações entre os órgãos principais das Nações Unidas devem ser revistas e aprimoradas.

Não poderia dirigir-me aos jovens diplomatas sem dedicar atenção especial à prioridade de nossa política externa, que é a integração da América do Sul. Estamos falando de povos que enfrentam problemas comuns, e que compartilham anseios semelhantes.

Nas várias conversas com lideranças dos países da região, temos verificado um forte empenho de trabalharmos em harmonia pela integração física e pelo progresso econômico, social e político de cada um de nossos países - e do Continente como um todo.

Juntos, os 12 países sul-americanos constituirão um pólo de atração de investimentos e um mercado suficientemente amplo para dinamizar nossa interação com outros países da própria América Latina, com os quais mantemos a mesma vinculação histórica, e com outras regiões. Unidos, os países da América do Sul terão melhores condições de defender seus interesses junto a outros blocos e interlocutores. Coordenados, poderão enfrentar desafios que ultrapassam fronteiras e consolidar a região como uma zona de paz, cooperação, democracia e desenvolvimento.

O processo de integração sul-americana avança. A pedra angular deste processo é nossa relação com a Argentina e o fortalecimento institucional do Mercosul. Com o Peru o bloco acaba de assinar um acordo de alcance histórico. Antecipo, com confiança, a conclusão das negociações com a Comunidade Andina. Mais do que isto, acredito que estão sendo criadas as condições para o surgimento de uma “Comunidade Sul-Americana de Nações” – na expressão do Presidente Alejandro Toledo.

Progridem, igualmente, as negociações do MERCOSUL com a União Aduaneira Sul-Africana (SACU), com a Índia,

com a China, o que alarga as nossas parcerias com os grandes países do Sul. Buscaremos, também, aprofundar o nosso relacionamento com a Rússia, ao mesmo tempo que continuamos a cuidar, com a atenção devida, do nosso relacionamento com os EUA e a Europa Ocidental. As viagens do Presidente da República a vários destes países testemunham esta prioridade.

Em novembro, o Presidente Lula estará visitando 5 países da África. Precisamos estabelecer com a África um padrão de relacionamento à altura da contribuição que a África nos deu para a formação da identidade brasileira. De minha parte, comecei a preparar o terreno com uma visita à África Austral, no último mês de maio, em que identifiquei as principais áreas de cooperação, e onde essa cooperação pode ser intensificada ou implantada.

Para dezembro está sendo planejada uma viagem do Presidente a seis países do mundo árabe. O objetivo é reforçar as relações com uma região onde são promissoras as perspectivas de cooperação econômica e comercial, e à qual nos unem também vínculos sanguíneos e de afinidades.

Juntamente com nossos vizinhos sul-americanos, pretendemos receber em 2004 os líderes do mundo árabe para uma cúpula voltada para a exploração de nossas complementaridades.

O recém-instituído Foro Trilateral, que reúne África do Sul, Índia e Brasil - países de peso semelhante em suas respectivas regiões, e também tres grandes democracias - reflete nossa vontade de estreitamento de relações, nos planos político, econômico, cultural e científico-tecnológico, com países que partilham percepções e estruturas parecidas. Dentro de poucos dias, o Presidente manterá encontro de trabalho

com seus homólogos sul-africano e indiano, à margem da Assembléia Geral da ONU.

Senhores e Senhoras, jovens colegas,

O Instituto Rio Branco, sob a competente direção do Embaixador João Almino, vem-se modernizando e democratizando, sem perder a sua principal marca que é a da excelência acadêmica na formação de diplomatas. Me alegra ver que continuamos a acolher estudantes de outros países.

Queridos amigos,

Na medida em que a integração da América do Sul constitui o foco central de nossa ação externa, devemos nos aparelhar para que a importância atribuída à aproximação com nossos vizinhos se materialize em iniciativas e realizações concretas.

Com este fim, criamos uma Subsecretaria para tratar das questões relativas ao Continente sul-americano de forma abrangente. A mesma lógica determinou o aumento da lotação de nossas Embaixadas junto aos países da região.

Olhando mais além, criamos (ou deveria dizer, recriamos) um Departamento para tratar das relações com a África, de modo a dedicarmos uma atenção mais especializada a uma região chave na formação cultural do Brasil. O Oriente Médio passou a beneficiar-se também de um Departamento próprio, facilitando a aproximação política e econômica desta região – a um tempo conturbada, mas de grande potencial - com o Brasil.

Senhor Diretor do Rio Branco
Jovens colegas,

Queremos incentivar as vocações para o tratamento de determinados temas ou regiões, e estimular o aprendizado de idiomas em que é reduzida nossa proficiência, como o chinês, o russo, o árabe, entre outros.

Como costuma afirmar o Secretário-Geral, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, precisamos desenvolver canais diretos de comunicação entre o Brasil e culturas que nos acostumamos a conhecer e estudar apenas pelo prisma de terceiros.

Queremos imprimir a nossas circunstâncias de trabalho a perspectiva humanista do Governo, em particular, combatendo a discriminação racial e de gênero. Registro com satisfação o aumento expressivo do número de candidatos à bolsa de estudos para afro-descendentes, que se aproxima de 1700. Aumentamos o número das bolsas concedidas, ainda modestamente, de 20 para 30 e o valor da bolsa, propiciando aos candidatos melhores condições de estudo.

Com especial satisfação, estarei empossando, em breve, a Embaixadora Vera Pedrosa no cargo de Subsecretária de Assuntos Políticos. Embora esta indicação se deva exclusivamente a suas qualidades profissionais, seu talento e seu patriotismo, não deixa de ser motivo de alegria, o fato de uma mulher assumir tão alta posição em nossa hierarquia.

Tenho presente, em função de minha própria experiência como diplomata, as vicissitudes e os sacrifícios emocionais relacionados aos permanentes deslocamentos a que somos sujeitos por dever de ofício. Faria minhas as palavras do

paraninfo da turma. Preocupa-me, especialmente, a educação dos filhos do diplomata, no exterior, e os pesados encargos financeiros que muitas vezes acarreta. O assunto requer exame detido, com vistas à formulação de medidas práticas, que – em uma primeira fase – talvez pudessem ser estendidos aos que servem em postos onde as oportunidades de acesso a uma educação universal de nível adequado sejam menores.

Antes de concluir, permitam-me uma breve digressão sobre as cobranças de “realismo” que surgirão inevitavelmente ao longo de suas carreiras, em diferentes contextos e situações. Parto do princípio de que os indivíduos sem um sentido desenvolvido da realidade não se interessam nem pela política nem pelas relações internacionais. Mas devemos ter presente que o conceito de realismo em diplomacia, como na política, se presta a variadas manipulações. Contrariamente ao que sustentam alguns, ser realista não é aceitar a inevitabilidade da predominância dos mais poderosos. A arte de negociar é precisamente a de extrair soluções do embate entre diferentes ambições e percepções da realidade – de preferência, em um ambiente de boa fé e de aceitação das regras mutuamente acordadas. O que não podemos fazer é - em nome de um pretenso realismo - nos dobrarmos às ambições alheias sem lutarmos pelas nossas.

Para um País como o Brasil, participar da ação diplomática não pode ser visto como um simples emprego. Sob o comando do Presidente Lula, a política externa brasileira se desenvolve como se o relógio de nossa História se tivesse acelerado.

Precisamos do melhor do que cada um é capaz de dar, em nosso esforço coletivo pela defesa de interesses nacionais e pela afirmação de valores universais.

Fazemos parte de um projeto nacional que busca erradicar a fome, a miséria, o analfabetismo, melhorar as condições de saúde do nosso povo e promover o pleno emprego, em ambiente de democracia e de pleno respeito aos direitos humanos.

Fazemos parte de um Continente, a América do Sul, irmanado na busca da modernidade pela integração.

O Brasil precisa da dedicação dos jovens como vocês para evitar que as injustiças se perpetuem, e que a diplomacia seja esvaziada pelos argumentos que privilegiam a força sobre a moral.

Confesso que fiquei emocionado, ontem, ao receber um grupo de jovens da União Nacional dos Estudantes (talvez em função de uma certa nostalgia que o Professor Marco Aurélio compreenderá), que veio prestar homenagem à ação brasileira em Cancun e trazer sua mensagem sobre outros temas da agenda internacional. Senti aí que a generosidade natural da juventude faz com que se volte também agora para temas que antes pareciam confinados às mesas dos especialistas. Independentemente da concordância, ou não, integral com todos os pontos, vi na iniciativa o sinal de um renovado interesse pelas questões da política externa. Estou certo que a esta generosidade e interesse, os nossos jovens diplomatas saberão juntar os conhecimentos, o talento e a dedicação, que, somado ao patriotismo, definem a competência profissional.

Parabéns a vocês, a seus pais e demais familiares e muitas felicidades!

MINISTRO MARCOS GALVÃO
PARANINFO DA TURMA
SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

Embaixador Celso Amorim
Ministro das Relações Exteriores

Embaixador João Almino
Diretor do Instituto Rio Branco

Secretário
Paulo Gustavo de Sant'Ana, Orador da Turma

Senhores diplomatas

Jovens formandos

Vinte e dois anos e cinco meses atrás, 22 de abril de 1981, meus colegas e eu estávamos sentados nesses mesmos lugares que Vocês ocupam hoje.

Era um Brasil muito diferente. Nós não tivemos patrono, nem paraninfo, nem muito menos orador da turma.

Durante duas décadas foi assim. Os governos daquele tempo fugiam de palavras e atos que pudessem expor a nossa verdadeira realidade.

Na política externa, sobretudo a partir de meados dos anos setenta, o discurso internacional do Brasil soava como algo quase descolado da face interna do regime.

As muitas contradições com o quadro doméstico, porém, não podiam deixar de comprometer a credibilidade de nossas posições no plano externo.

O governo brasileiro pregava uma ordem internacional democrática e participativa, enquanto, aqui dentro, fazia exatamente o oposto.

Defendia para o mundo o império do direito, enquanto, aqui dentro, impunha a lei do arbítrio.

Denunciava as disparidades mundiais entre o Norte e o Sul, enquanto, aqui dentro, punha em segundo plano a redução da distância entre os nossos próprios ricos e pobres.

Criticava lá fora a bipolaridade Leste-Oeste, enquanto, aqui dentro, pelo mesmo prisma ideológico da Guerra Fria, tentava justificar o regime de exceção.

Essas contradições, no entanto, não eram a única causa de nossos problemas de credibilidade internacional. Havia, também, momentos infelizes em que a política externa mantinha estreita coerência com a política interna.

Jamais consegui ver motivo de orgulho, por exemplo, no mau uso que se fez dos argumentos da soberania e da independência, invocados na tentativa de desqualificar as pressões internacionais em prol da democracia e dos direitos humanos, pressões que todos sabemos – e já sabíamos naquela altura – seriam importantes para fazer avançar a redemocratização no Brasil e em vários outros países.

A verdade, em suma, é que faltava à diplomacia brasileira a força da legitimidade com que, depois do retorno à ordem democrática, continuou a bater-se muitas causas que já eram boas e passou a lutar por outras que os governos daquela época não queriam e não podiam defender.

Queridos formandos,

Ao me honrarem com a escolha para ser o paraninfo da turma, Vocês me deram a oportunidade única que eu – como também, creio, muitos de nós que nos formamos em silêncio, toda uma geração de diplomatas – gostaria de ter tido vinte e dois anos atrás.

Recebam as minhas palavras, por favor, como expressão do quanto me tocou a generosidade de Vocês ao me prestarem a maior homenagem que um diplomata-professor pode receber. Faço questão de dividir esta homenagem com Fernando Pimentel, meu assistente na cadeira de Política Externa Brasileira, que tanto e tão bem contribuiu para o nosso curso.

Devo, ainda, especial reconhecimento a André Amado, que me convidou a mais uma vez lecionar no Instituto Rio Branco – e sob cuja liderança nossa academia diplomática viveu um período de intensa modernização.

Senhor Ministro,

Desde que ingressei na carreira, em setembro de 1980, o Brasil mudou muito menos do que a imensa maioria de nós queria, sobretudo no que se refere às condições duríssimas em que continuam a viver milhões de nossos compatriotas.

De lá para cá, no entanto, o Brasil mudou muito mais do que a imensa maioria de nós acreditava fosse possível.

Na década de 1930, Sérgio Buarque de Holanda dizia que “a democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido”. Essa frase, seca e cética, continuaria a descrever

por muito tempo, e até com mais razão em anos subseqüentes, a nossa triste realidade.

Diante desse passado, e do momento que vivíamos em 1980, quantos de nós podíamos imaginar que o Brasil seria hoje a maior, a mais estável e dinâmica democracia da América Latina?

A resposta, acredito, é que nenhum de nós esperava tanto. E temos nisso motivo de satisfação e orgulho.

Mas o que nos fez optar pela carreira diplomática não é a celebração, sempre saudável e necessária, do que já alcançamos.

O que nos move é o desejo de participar da vida pública do País, de contribuir para o muito que ainda está por fazer e por mudar.

Caros colegas,

Como ocorre com a maioria das profissões, também a diplomacia é objeto de preconceitos.

Entre eles, o de que estamos aqui para viajar, circular nas grandes festas do mundo, viver em um universo distante da realidade do Brasil.

Nós sabemos que não é nada assim.

Vocês sabem o quanto custou a cada um chegar ao Instituto Rio Branco, vencer o mais duro dos processos de seleção e, em seguida, encarar a perspectiva de uma carreira de muito trabalho, sacrifícios familiares, e poucas glórias individuais.

Sabem que serviço público é o terreno de quem está pronto a dar o melhor de si de forma institucional, discreta, quase sempre anônima. Daqueles que se realizam com o servir pelo servir, que se contentam com o reconhecimento profissional de seus pares, com promoções e oportunidades cujo valor só nós mesmos entendemos, e com o ocasional aplauso íntimo e contido de suas próprias consciências.

Sabem que, em nossa carreira, o objetivo último é assumir responsabilidades cada vez maiores, receber e cumprir missões cada vez mais significativas e desafiadoras – a mesma vontade de servir às grandes causas públicas que orientou a vida de Sérgio Vieira de Mello, a quem Vocês prestam hoje justíssima homenagem ao elegê-lo patrono da turma.

Sabem, também, que a diplomacia se transforma rapidamente, que o nosso trabalho cresce em volume, complexidade e importância para o Brasil. Que as demandas sobre nós aumentam ano após ano.

Mesmo pressionados pelo peso e urgência de suas tarefas, no entanto, não caíam nunca na tentação do automatismo burocrático.

Cada um de Vocês encontrará a melhor forma, o melhor momento de contribuir com as suas idéias e ponderações. Mas não deixem jamais que cálculos de conveniência pessoal os inibam de apresentar e defender os pontos de vista que julgarem corretos.

Foi a regra que procurei seguir com todos os meus chefes – entre eles Rubens Ricupero, João Clemente Baena Soares, Gelson Fonseca, Luiz Felipe Lampreia e Rubens Barbosa – que sempre me incentivaram a fazê-lo e me distinguiram com a sua confiança e amizade.

Queridos formandos,

Para quem, como nós, é obrigado a servir longe do Brasil, a mudar de país e de casa de três em três anos, a família e os amigos ocupam um lugar absolutamente essencial.

Eu, por exemplo, só estou aqui porque o meu pai, Fernando Abbott Galvão, também diplomata, me ensinou o sentido e o valor do serviço público. Dele herdei o gosto pela política reta e pelas palavras claras.

Nossas famílias são a âncora maior que nos prende à realidade cotidiana do Brasil, mesmo quando estamos a milhares de quilômetros de distância, vivendo em sociedades por vezes muito diferentes da nossa. No meu caso, minha mãe e meu pai diplomata jamais me deixaram esquecer que, embora nascido por acidente no exterior, a nossa terra, a minha terra se chama Natal, Rio Grande do Norte.

A família é também a ponte de toda a travessia e, ao final, o porto de chegada. Nossas parceiras e parceiros na vida – Ana Maria, na minha –, e nossos filhos, são a base fundamental, o lar permanente.

Eles arcam com a parcela maior dos sacrifícios pessoais impostos por nossa profissão. São muitas vezes obrigados a renunciar a carreiras e aspirações próprias para nos acompanhar, um preço cada vez mais alto e difícil de aceitar nos dias de hoje.

Cuidem, pois, de suas famílias com atenção, carinho e prioridade.

E cultivem os amigos, os velhos, da vida toda, e os que irão fazer ao longo do tempo.

De qualquer canto da Terra, Vocês irão chamá-los para receber notícias, compartilhar alegrias e tristezas, ouvir conselhos, pedir apoio. Tal como suas famílias, mesmo de longe, eles ajudarão a mantê-los no rumo certo.

Chego ao final. Desejo a Vocês, novos colegas, toda a felicidade na carreira que agora iniciam. E desejo, a todos nós, que os próximos paraninfos possam – como eu –, ao olhar o Brasil de antes, dizer que o Brasil do presente é melhor.

Não tenho dúvida de que assim será, porque esse é o destino do nosso país. E é para ajudar a cumpri-lo que estamos aqui.

A Vocês, novamente, muito obrigado. Que a sorte os abençoe a todos e a cada um.

SECRETÁRIO
PAULO GUSTAVO DE SANT'ANA
ORADOR DA TURMA
SÉRGIO VIEIRA DE MELLO

Excelentíssimo Senhor
Ministro de Estado das Relações Exteriores

Excelentíssimo Senhor
Diretor do Instituto Rio Branco

Autoridades Presentes

Colegas Diplomatas

Senhoras e Senhores

É com grande satisfação que nós, formandos do Instituto Rio Branco, agradecemos a todos aqueles que nos apoiaram e, muitas vezes, se sacrificaram para que pudéssemos estar aqui hoje. Gostaríamos de fazer especial homenagem a nossas famílias, cuja presença nesta cerimônia coroa simbolicamente o término de longo e desgastante processo, no qual sua ajuda e estímulo diários foram de fundamental importância. Nossos agradecimentos não se restringem somente aos familiares, mas também aos professores, amigos e a nossos colegas latino-americanos e africanos que freqüentaram o Instituto Rio Branco conosco, enriquecendo nossa experiência e fortalecendo os laços que unem nossos países.

Gostaríamos de homenagear, em particular, nossos colegas de turma, incluindo meu irmão, que já se encontram no exterior, a Serviço do País, e que não puderam estar presentes a esta solenidade.

Senhor Ministro de Estado,

A turma de formandos de 2000 escolheu o Ministro Marcos Bezerra Abbott Galvão como nosso paraninfo.

Tivemos a oportunidade de tê-lo como nosso professor de Política Externa Brasileira no segundo semestre de 2000. Dentre os diversos professores com quem tivemos o privilégio de conviver, o Ministro Galvão destacou-se pela abertura que proporcionou, em suas aulas, ao contato com diferentes atores da sociedade. Além de nos passar sua grande experiência profissional e vasto conhecimento, o Ministro Marcos Galvão trouxe à sala de aula representantes de diferentes setores da sociedade – jornalistas, diplomatas, políticos de diferentes partidos -, a fim de enriquecer a análise sobre os diversos temas tratados.

O aperfeiçoamento de nossas instituições democráticas passa, necessariamente, pelo aprofundamento do diálogo com toda a sociedade na formulação de políticas públicas, seja no âmbito interno, seja no externo, e pela incorporação no processo decisório de novos atores sociais. Aprendemos durante nosso período de Instituto Rio Branco que o Itamaraty deve ser, antes de mais nada, uma caixa de ressonância, que amplifica os anseios nacionais por uma sociedade mais justa e responde prontamente às demandas de um País plural e diversificado.

Senhor Ministro de Estado,

Gostaríamos de poder dizer que é com satisfação que escolhemos Sérgio Vieira de Mello como nosso patrono. Mas, diante de sua perda de forma tão brutal e sem sentido, ainda é difícil desvencilhar-nos do sentimento de perplexidade e revolta.

Após tantas manifestações de reconhecimento de seu trabalho e de pesar por sua perda, no pior ataque sofrido pelas Nações Unidas desde sua criação, o que ainda pode ser dito a respeito de Sérgio Vieira de Mello?

Durante mais de três décadas de trabalho como funcionário destacado da Organização das Nações Unidas, Sérgio Vieira de Mello lutou incessantemente pela promoção dos direitos humanos, em diferentes locais ao redor do mundo, como Bangladesh, Sudão, Moçambique, Líbano, Camboja. Sua atuação em Kosovo e, em particular, em Timor-Leste, como Representante do Secretário-Geral das Nações Unidas, evidenciaram a toda a comunidade internacional sua capacidade conciliatória. Sérgio Vieira de Mello conseguia combinar talento diplomático e firmeza nas negociações com uma genuína indignação com o sofrimento imposto às populações afetadas por conflitos. A esse respeito, tivemos o privilégio de poder assistir a palestra por ele proferida no Instituto Rio Branco, em fevereiro de 2002, sobre sua experiência em Timor-Leste. O atentado terrorista em Bagdá interrompeu bruscamente a carreira brilhante de Sérgio Vieira de Mello, que poucos meses antes fora nomeado Alto Comissário da ONU para Direitos Humanos.

A relação de Sérgio Vieira de Mello com este Ministério é antiga. Seu pai, Arnaldo Vieira de Mello,

aposentado compulsoriamente por ato do regime militar, foi quadro desta Casa. Funcionário das Nações Unidas, Sérgio Vieira de Mello trabalhou por diversas ocasiões em estreita colaboração com o Governo brasileiro. Em Timor-Leste, não mediu esforços para ampliar o papel brasileiro na reconstrução daquela nação.

Esperemos que seu exemplo de sacrifício e dedicação aos ideais ainda hoje representados pelas Nações Unidas ajude a sensibilizar a comunidade internacional quanto à necessidade de aprofundar os esforços pela paz. Que sua memória sirva de inspiração a todos aqueles que continuam lutando pela construção de um mundo mais pacífico, próspero e democrático.

Senhor Ministro de Estado,

Diante de tragédia causada por ato tão bárbaro e cruel, resta-nos questionar se ainda há espaço, no cenário internacional, para o diálogo, o consenso, a busca de soluções pacíficas de conflitos, em um momento em que o quadro político mundial se deteriora e o recurso à força toma o espaço da negociação diplomática.

Qualquer resposta a esta pergunta, que tenha por premissa básica a manutenção da paz e a promoção da prosperidade em escala global, terá como elemento central o fortalecimento do multilateralismo, de modo a fomentar o entendimento mútuo entre as nações e impedir que medidas unilaterais – seja no campo político, econômico ou militar – prevaleçam na resolução de conflitos.

Nesse sentido, a reestruturação de organismos multilaterais – incluindo a reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas, com a admissão do Brasil na qualidade

de membro permanente – mostra-se não somente uma causa justa, mas medida absolutamente necessária, a fim de adequá-los à realidade contemporânea e torná-los mais legítimos e representativos dos anseios da comunidade internacional. Temos a convicção de que a manutenção da paz somente será possível com a incorporação imediata aos centros decisórios internacionais de parcelas até o momento periféricas da população mundial.

O Brasil tem uma contribuição original a dar ao mundo, a partir de nossa sociedade tolerante e acolhedora, na qual povos das mais variadas origens e crenças se integram em uma mesma comunidade harmônica. A isso se acrescenta o capital moral de uma política externa historicamente engajada na defesa da solução pacífica de conflitos, do fortalecimento da ordem jurídica e de respeito ao Direito Internacional, e da renúncia à produção de armas de destruição em massa.

Senhor Ministro de Estado,

Não são poucos os desafios que a diplomacia brasileira encontra diante de si, com o adensamento de nossa agenda internacional: complexas negociações comerciais em diferentes foros; aprofundamento da integração com nossos parceiros sul-americanos; atendimento aos mais de 2 milhões de cidadãos brasileiros que se encontram no exterior, entre outros.

Nós, diplomatas recém-egressos do Instituto Rio Branco, sabemos das grandes dificuldades externas, bem como das limitações internas, que cercam nosso trabalho. Mas sabemos também do importante papel que podemos desempenhar para o futuro do País, criando oportunidades

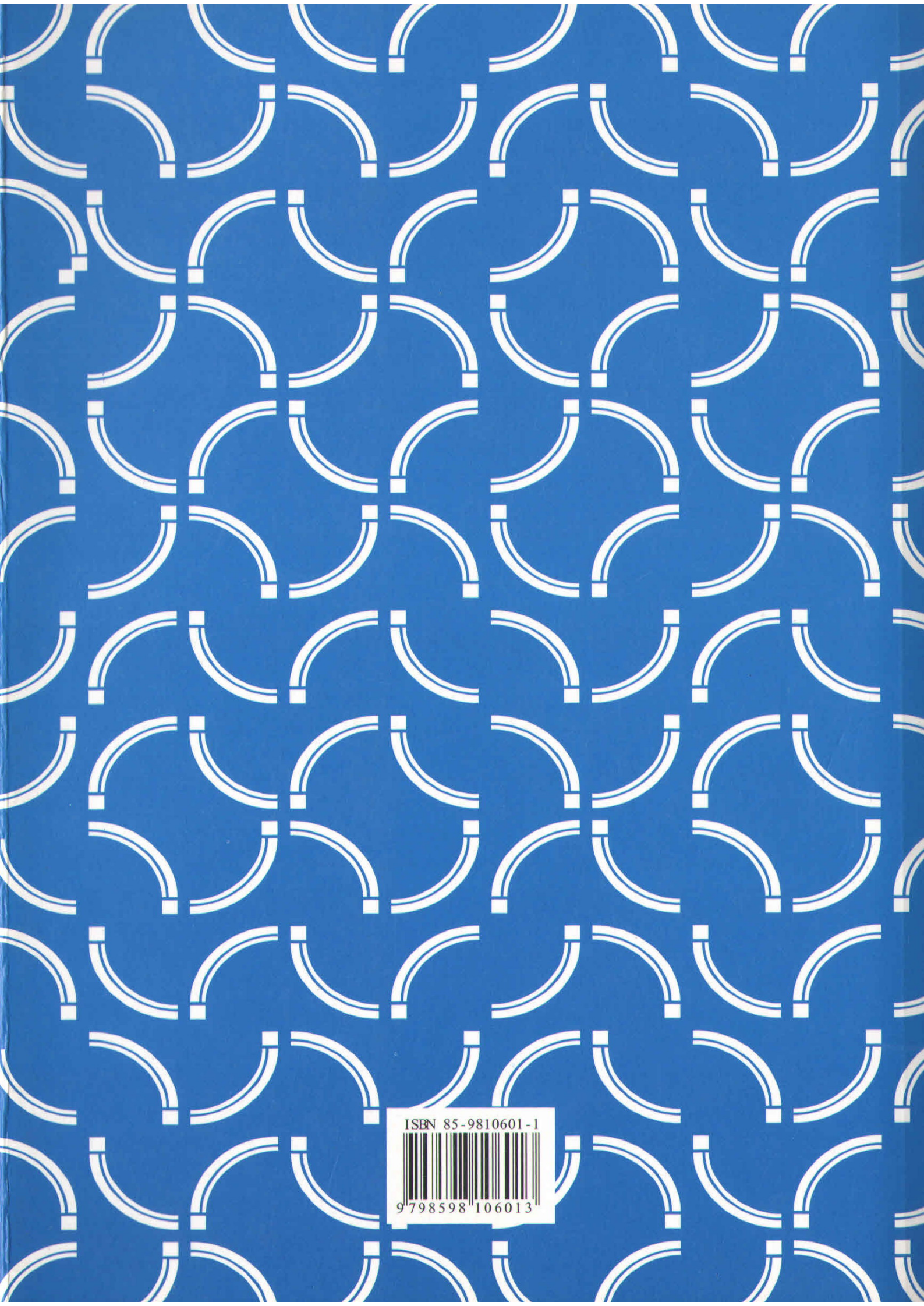
para o desenvolvimento nacional, de modo a resgatar a imensa dívida histórica brasileira de inclusão social.

É com este espírito que ingressamos na carreira diplomática, e é com esta disposição que pretendemos cumprir nosso dever.

Muito obrigado

Ilustração de Capa:

Painel de azulejos tendo por motivo a logomarca do Instituto Rio Branco de autoria de Athos Bulcão.



ISBN 85-9810601-1



9 798598 106013